

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM
PARÁBOLAS AGRÍCOLAS:
INTERFACE ENTRE LINGUÍSTICA
COGNITIVA E HERMENÊUTICA BÍBLICA**

*The Construction of Meaning in Agricultural
Parables: An Interface between Cognitive
Linguistics and Biblical Hermeneutics*

Amanda Dinucci Almeida Bühler Velasco

Pós-doutora em Linguística Aplicada pela UFRJ. Doutora e Mestra em Estudos de Linguagens pela PUC-Rio. Graduada em Letras pela UERJ. Email: amandadinucci@hotmail.com.

Vitor Emanuel Correa de Mesquita

Mestrado em andamento em Ciências da Religião pela UMESP (Bolsa CAPES). Pós-graduado em História do Cristianismo pela FABAT. Formado em Teologia e em Letras – Língua Portuguesa. E-mail: prof.vitoremanoel@gmail.com.

Como citar este artigo: VELASCO, Amanda Dinucci Almeida Bühler; MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. A construção de sentido em parábolas agrícolas: interface entre linguística cognitiva e hermenêutica bíblica. Revista Brasileira de Teologia. ISSN 1807-7056 | Nº 14 | JUN/DEZ. DE 2025.

RESUMO

Este trabalho investiga como duas parábolas agrícolas de Marcos 4 constroem o sentido do Reino de Deus por meio de mecanismos cognitivos de conceptualização. Partindo do pressuposto da Linguística Cognitiva de que a linguagem se fundamenta na experiência corporal e cultural do homem, analisamos como metáforas conceituais e frames agrícolas estruturam o ensino parabólico de Jesus. Considera-se que as parábolas utilizam elementos familiares aos ouvintes palestinos, de modo que o mundo conhecido do campo serve como ponte para a revelação de uma realidade divina que ultrapassa a experiência humana. A pesquisa também dialoga com os estudos teológicos sobre parábolas, sobretudo a crítica de Joachim Jeremias à alegorização e a defesa de interpretações ancoradas no contexto histórico-cultural de Jesus. A partir disso, analisamos duas parábolas apresentadas em Marcos 4 — a semente que cresce por si só e o grão de mostarda — entendidas como uma unidade temática integrada que revela o avanço surpreendente e triunfante do Reino. O estudo demonstra que essas parábolas formam uma rede interdependente de significados, na qual cada narrativa reforça e amplia a compreensão teológica do Reino. Os resultados demonstram que a articulação entre Linguística Cognitiva e estudos teológicos pode oferecer subsídios para uma análise aprofundada do discurso parabólico e de seus mecanismos internos de construção de sentido.

Palavras-chave: Parábolas. Marcos 4. Linguística Cognitiva. Reino de Deus.

ABSTRACT

This study investigates how two agricultural parables in Mark 4 construct the meaning of the Kingdom of God through cognitive mechanisms of conceptualization. Based on the Cognitive Linguistics premise that language is grounded in embodied and cultural experience, the analysis examines how conceptual metaphors and agricultural frames structure Jesus' parabolic teaching. The parables are understood as drawing on elements familiar to Palestinian listeners, so that the known world of the field functions as a bridge for revealing a divine reality that transcends human experience. The research also engages with theological studies on parables, especially Joachim Jeremias's critique of allegorization and his defense of interpretations rooted in Jesus' historical and cultural context. From this perspective, the study analyzes two parables in Mark 4 — the seed that grows by itself and the mustard seed — interpreted as an integrated thematic unit that reveals the surprising and triumphant advance of the Kingdom. The findings indicate that these parables form an interdependent network of meanings, in which each narrative reinforces and expands the theological understanding of the Kingdom. The study concludes that the articulation between Cognitive Linguistics and theological studies can offer support for an in-depth analysis of parabolic discourse and its internal mechanisms of meaning construction.

Keywords: Parables. Mark 4. Cognitive Linguistics. Kingdom of God.

INTRODUÇÃO

Jesus foi “o maior contador de histórias do mundo”.¹ O mestre dos mestres utilizava parábolas para ensinar. Esse gênero constitui uma maneira singular de ensinar verdades profundas por meio de narrativas simples com elementos do cotidiano. Exemplos como a dracma perdida — em que uma mulher procura uma moeda dentro de casa — ou a ovelha perdida — em que um pastor busca uma das suas ovelhas — ilustram como Jesus recorreu ao conhecido dos ouvintes para revelar o desconhecido: o mistério do Reino de Deus.

Entre as imagens familiares para o povo da Palestina no século I empregadas por Jesus nas parábolas, destacam-se os aspectos da vida agrícola. Numa série de narrativas apresentadas nos Evangelhos sinóticos, a semente ocupa papel central, apontando para o Reino como realidade viva, de crescimento surpreendente e de eficácia que ultrapassa a ação humana e as explicações meramente racionais.

Contudo, na interpretação dessas narrativas, desde os primeiros séculos da Igreja, nota-se uma forte tendência à alegorização e a leituras moralizantes que, em muitos casos, desconsideram o cunho escatológico do discurso parabólico. Seguindo essa linha de interpretação clássica, deixa-se de lado a revelação do Reino, em prol de um foco na ética cristã. Além disso, é comum tratar cada parábola como metáfora isolada, perdendo-se de vista o fato de que juntas elas formam um campo semântico e simbólico interligado. Uma leitura em rede das parábolas de sementes, como o presente trabalho propõe, pode, por outro lado, proporcionar uma visão mais rica e integrada do mistério que Cristo revela para a Igreja.

Ainda, verifica-se relativa escassez de estudos que empreguem explicitamente instrumentos da Linguística Cognitiva para analisar os mecanismos mediante os quais as parábolas constroem sentido. Partindo dessa lacuna, este trabalho articula o ferramental teórico-metodológico da Linguística Cognitiva (Lakoff & Johnson, 1980; Fillmore, 1982)² com estudos teológicos sobre as parábolas para examinar como o sistema conceitual agrícola contribui para a revelação do Reino de Deus.

Analizamos como duas parábolas de Marcos 4 constroem o sentido teológico do Reino por meio de frames e metáforas conceituais que partem da experiência humana com a natureza

¹ LOPES, H. D. **Marcos: o Evangelho dos milagres**. São Paulo: Hagnos, 2006.

² LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. E FILLMORE, C. Frame Semantics. In: **Linguistic Society of Korea (Org.)**. *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111–137.

e o trabalho no campo. Esse capítulo do Evangelho de Marcos reúne um conjunto de parábolas que se articulam em torno da metáfora da sementeira, do crescimento e da colheita, formando o que Blomberg (1990) chama de unidade temática integrada. São elas a parábola do semeador (Mc 4:3-9), a da semente que cresce sozinha – ou do camponês paciente, como sugere Jeremias (1986) (Mc 4:26-29) – e a do grão de mostarda (Mc 4:30-32). A primeira delas é seguida por uma explicação do próprio Jesus (Mc 4:10-20). Por isso, o presente estudo selecionou as duas últimas para realizar a sua exegese.

O objetivo geral deste estudo é investigar de que modo essas duas parábolas articulam o conhecido e o desconhecido, revelando o Reino por meio de estruturas cognitivas compartilhadas pelos primeiros ouvintes. Para isso, pretende-se: i. identificar frames agrícolas nas parábolas selecionadas; ii. analisar os mapeamentos metafóricos entre agricultura e Reino; iii. discutir a interdependência semântica entre as parábolas de sementes como uma rede de significados; iv. interpretar como essa rede constrói uma imagem integrada do Reino.

Metodologicamente, o trabalho segue uma abordagem qualitativa, descritivo-analítica: identifica-se a ativação de frames, procede-se ao mapeamento conceitual, discute-se a coerência interparabólica e avalia-se a sua relação com os estudos teológicos sobre o discurso parabólico. Os fundamentos teóricos que servem de base para essa análise serão apresentados na seção seguinte.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Linguística Cognitiva e construção de sentido

Ao longo do século XX, diferentes abordagens buscaram compreender o fenômeno da linguagem. Em meados do século, a Linguística Gerativa focou em como a mente humana processa a linguagem, isto é, seu olhar se voltou para o processamento interno e abstrato das línguas. Já no final do século, a Linguística Cognitiva trouxe de volta para os trabalhos linguísticos a experiência humana, unindo novamente o corpo e a mente nos estudos de linguagem.

Essa corrente sustenta que pensamos com o corpo, ou seja, nossos conceitos têm origem nas ações que praticamos, nos objetos que tocamos, nos caminhos que traçamos e nas relações sociais que construímos. Dessa maneira, a linguagem não é uma construção isolada das vivências do homem, mas está intimamente ligada à sua experiência sensório-motora no mundo.

Com base nisso, George Lakoff e Mark Johnson (1980) elaboraram a noção de metáfora conceitual, um dos pilares da Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, a metáfora não é compreendida meramente como um enfeite para o discurso, mas como um mecanismo cognitivo extremamente importante, pois o homem constrói metáforas conceituais quando um domínio de experiência – normalmente concreto, físico ou corporal – serve de base para entender outro domínio – geralmente mais abstrato.³ Desse modo, Lakoff e Johnson (1980)⁴ conceituam a metáfora como o ato de “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” e não simplesmente “a transferência do nome de uma coisa para outra”.⁵

Consoante Lakoff e Johnson, na construção das metáforas conceituais, há um domínio-fonte, que consiste no campo mais familiar, e um domínio-alvo, o campo que buscamos compreender.⁶ Assim, constrói-se a estrutura “**ALVO É FONTE**”. Em expressões como “A ideia está obscura”, por exemplo, observa-se que “**COMPREENDER É VER**”, de modo que a compreensão (processo mental, portanto noção mais abstrata) é o domínio-alvo, e a visão (experiência corporal, portanto noção mais concreta) é o domínio-fonte, conforme representado a seguir.

Outro exemplo clássico é a metáfora conceitual “**DISCUSSÃO É GUERRA**”, percebida em diversas expressões metafóricas,⁷ como em: 1. Seus argumentos são *indefensáveis*. (*Your claims are indefensible.*); 2. Ele *atacou* todos os *pontos fracos* da minha argumentação. (*He attacked every weak point in my argument.*); 3. Suas críticas foram *direto ao alvo*. (*His criticisms were right on target.*); 4. *Destruí* sua argumentação. (*I demolished his arguments.*); 5. Jamais *ganhei* uma discussão com ele. (*I’ve never won an argument with him.*) Essas expressões não configuram metáforas isoladas, mas um sistema conceitual baseado em um domínio-fonte (guerra) e um domínio-alvo (discussão). Com esses exemplos, Lakoff & Johnson demonstram ainda como a experiência de uma discussão pode ser não somente ilustrada, mas vivenciada como uma guerra, pois estruturamos mentalmente debates como batalhas.⁸ Nesse sentido, a Linguística Cognitiva indica que metáforas como essa não somente se originam das experiências que o homem tem no mundo, mas moldam a maneira como ele pensa, sente e age.

³ Lakoff e Johnson, 1980.

⁴ *Ibid.*, Lakoff e Johnson, p. 18.

⁵ ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de E. de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996. p. 92.

⁶ *Op.cit.*, Lakoff e Johnson, 1980.

⁷ *Ibid.*, Lakoff e Johnson, p. 46.

⁸ *Ibid.*, Lakoff e Johnson, 1980.

Além das metáforas conceituais, outro mecanismo cognitivo fundamental para a construção de sentido é o frame: uma estrutura cognitiva que organiza as experiências do homem e fornece a base para a interpretação de metáforas conceituais. Fillmore (1982) afirma que compreender uma expressão significa ativar todo um cenário, e não apenas o sentido isolado de cada termo.⁹ O frame RESTAURANTE, por exemplo, inclui papéis, objetos e ações esperados dentro de determinada cultura. No caso das parábolas de Marcos 4, a compreensão das cenas narradas por Jesus depende da ativação do frame AGRICULTURA, que inclui expectativas bem definidas para os primeiros ouvintes de Jesus.

A partir dessas considerações, torna-se evidente que a linguagem parabólica de Jesus opera por meio de mecanismos cognitivos que dependem tanto da metáfora conceitual quanto da ativação de frames culturalmente situados. Contudo, compreender como esses mecanismos contribuem para o sentido das parábolas exige considerar, simultaneamente, o cunho teológico dessas narrativas e sua função na proclamação do Reino de Deus. Afinal, como explica Blomberg (1990), as parábolas são metáforas estendidas com aplicação teológica.¹⁰

Assim, após apresentar as bases da Linguística Cognitiva relevantes para este estudo, faz-se imprescindível examinar as principais contribuições dos estudos teológicos sobre as parábolas. A partir dessa articulação entre Linguística e Teologia, será possível aprofundar a compreensão das parábolas que compõem o corpus deste estudo.

2.2. Estudos teológicos sobre as parábolas

Conforme observado por D. A. Carson (2011), “a história da interpretação das parábolas é muito complexa”.¹¹ Como devemos interpretá-las? Essa é uma pergunta que já recebeu diferentes respostas ao longo da trajetória da Igreja e que tem grande relevância até os dias de hoje, porque a compreensão do gênero parábola é crucial para o modo como entendemos as palavras de Jesus e, em última instância, a mensagem do Reino.

Já no primeiro século, a interpretação das parábolas começou a seguir uma tendência alegorizante (Jeremias, 1986)¹². A Igreja primitiva iniciou a busca por um sentido mais profundo em cada parábola, como se cada uma delas fosse uma grande alegoria e como se cada elemento fosse necessariamente um símbolo, exigindo uma exegese complexa. Dessa

⁹ Fillmore, 1982.

¹⁰ BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990.

¹¹ CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 356.

¹² JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986.

maneira, emergiu uma tradição hermenêutica que deixava de lado o contexto original de enunciação das parábolas.

Um dos fatores que contribuíram para isso foi a interpretação alegórica dos mitos no meio helenístico, o que fez com que, no judaísmo helenístico, ganhasse força a leitura alegórica dos textos bíblicos (Jeremias, 1986)¹³. Outro ponto favorável pode ter sido o fato de haver uma amplificação alegorizante após quatro parábolas de Jesus (Mateus 13:37-43; 49-50; Marcos 4:14-20; e João 10:7-18, embora a última não seja considerada por todos os pesquisadores como uma parábola de fato).

No entanto, Jeremias acredita que o principal fator que impulsionou e sustentou essa linha foi a *teoria do endurecimento*, ancorada pelo texto de Marcos 4:10-12.¹⁴ Nesse viés, entende-se que as parábolas são como portas fechadas para os incrédulos, como se elas tivessem a função de ocultar, e não de revelar, de modo que somente a interpretação alegorizante poderia recuperar a intenção de Jesus.

No final do século XIX, Adolf Jülicher (1888) rompe essa tradição e defende a ideia de que esse tipo de interpretação pode levar a uma compreensão equivocada do que Jesus ensinou. Ao rejeitar a alegorização, Jülicher inaugura uma nova fase na pesquisa moderna das parábolas. Segundo o autor, cada parábola apresenta, na verdade, um único ponto central (*die Einpunktigkeit*).¹⁵ Embora seu trabalho tenha corrigido os excessos da alegorização, outros autores enxergam nessa perspectiva uma simplificação exagerada, pois veem, na riqueza das narrativas de Jesus, a possibilidade de destacar mais que um ponto apenas. Nessa linha, destaca-se o trabalho de Bloomberg (1990), que defende que a maioria das parábolas apresenta dois ou três pontos principais, cada um representado por um personagem ou elemento estruturante da narrativa, os quais se articulam, formando uma unidade semântica integrada.¹⁶ No entanto, McNeile (1915) levanta um problema: “nem sempre é fácil distinguir detalhes ilustrativos e detalhes que fazem apenas parte da estrutura da história”.¹⁷

O trabalho de C. H. Dodd (2010), na primeira metade do século XX, trouxe para o debate sobre a interpretação das parábolas mais uma questão fundamental. O autor apontou para a necessidade de resgatar a dimensão escatológica das parábolas, levando em

¹³ JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986.

¹⁴ *Ibid.*, Jeremias, 1986.

¹⁵ JÜLICHER, A. **Die Gleichnisreden Jesu**. Freiburg: Mohr, 1888.

¹⁶ Bloomberg, 1990.

¹⁷ MCNEILE, A. H. **The Gospel According to St. Matthew**. London: Macmillan, 1915. p. 186.

consideração o contexto das pregações de Jesus: Ele estava proclamando o Reino.¹⁸ Um conceito central na leitura de Dodd é o de “escatologia realizada” (*realized eschatology*), que diz respeito à crença de que o Reino já irrompeu na história – noção evocada nas parábolas, segundo Dodd.¹⁹

Jeremias (1986) amplia as contribuições de Jülicher e de Dodd, uma vez que também rejeita a alegorização e sustenta o foco no Reino. O autor discute o modo como foram feitos acréscimos às narrativas originais e combate interpretações arbitrárias. De acordo com Jeremias, muitas alegorias surgiram a partir do momento em que a interpretação perdeu de vista a realidade dos ouvintes originais.²⁰ Nesse sentido, o autor propõe um retorno ao Jesus histórico e ao ambiente palestino do século I. Para isso, o pesquisador analisa vocabulário aramaico e costumes culturais da época.

Como observa Jeremias (1986), a exegese das parábolas demanda a recuperação do modo como a agricultura era praticada na Palestina do século I. O autor explica, por exemplo, que o semeador de Marcos 4 não age com a “inabilidade” que um leitor ocidental moderno poderia supor; ao contrário, seu comportamento corresponde exatamente ao procedimento agrícola da época. Ainda de acordo com o pesquisador, na Palestina, a semente era lançada antes de o arado passar pelo terreno.²¹ Assim, o semeador caminhava por um campo ainda não revolvido, coberto por restolho, o que explicava por que parte das sementes caía nos trilhos endurecidos pelos passos dos camponeses, entre espinhos secos ou sobre solo rochoso pouco perceptível.

Jeremias observa que, longe de ser descuido, “o que ao ocidental parece inabilidade é o comum no meio palestinese”.²² Esse exemplo ilustra de forma clara como a compreensão adequada da parábola pressupõe a ativação do frame agrícola palestino, com seus procedimentos, expectativas e práticas culturalmente situadas — exatamente o tipo de conhecimento enciclopédico que a abordagem dos frames descreve.

Dentre os estudos mais modernos, destaca-se o trabalho de N. T. Wright (1996). Esse teólogo aprofunda a compreensão do cunho escatológico do discurso parabólico, ao explicar como a mensagem das parábolas se insere não somente dentro de um contexto histórico

¹⁸ DODD, C. H. **As parábolas do Reino**. Tradução de Dorival Alves de Oliveira. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

¹⁹ *Ibid.*, Dodd, 2010.

²⁰ Jeremias, 1986.

²¹ Jeremias, 1986.

²² *Ibid.*, Jeremias, 1986.

específico, mas também no quadro mais amplo da “grande narrativa bíblica”.²³ Considerando a aliança de Deus com seu povo, o autor analisa o momento histórico que Israel atravessava na primeira vinda de Cristo e discute como o anúncio da irrupção do Reino em meio a uma crise simboliza uma esperança e redefine a identidade de Israel.

Sob esse prisma, a análise que propomos neste trabalho permite observar como as críticas às leituras alegorizantes e moralizantes das parábolas e a visão da Linguística Cognitiva convergem, na medida em que buscaremos recuperar a construção do sentido teológico do Reino, considerando o frame cultural dos primeiros ouvintes das parábolas.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A análise a seguir examina, respectivamente, as parábolas da semente que cresce por si só e do grão de mostarda, buscando identificar as metáforas conceptuais e frames ativados em cada narrativa, bem como sua contribuição para a construção de sentido do Reino. Para isso, seguimos estas etapas:

1. **Identificação das parábolas** – Mapear e descrever cada parábola, destacando elementos centrais (sementes, solo, crescimento, colheita).
2. **Análise do frame agrícola** – Examinar como o conhecimento prévio do ouvinte sobre agricultura é ativado e utilizado para compreender o Reino.
3. **Metáfora estruturante** – Avaliar como cada parábola organiza cognitivamente o conceito do Reino.
4. **Progressão e interdependência** – Demonstrar como a sequência das parábolas cria um modelo mental cumulativo, reforçando a percepção do Reino como força invisível e transformadora.
5. **Diálogo teológico** – Relacionar os achados com interpretações de teólogos clássicos e contemporâneos, destacando a contribuição da leitura cognitivo-linguística para o entendimento teológico do Reino.

4. ANÁLISE DAS PARÁBOLAS

4.1. A semente que cresce por si só

²³ WRIGHT, N. T. *Jesus and the Victory of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

A seguir, apresentamos a parábola da semente que cresce por si só, também chamada por Jeremias (1986) de *parábola do camponês paciente*, registrada por Marcos no capítulo 4, do versículo 26 a 29 (versão ARC).

²⁶ E dizia: O Reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra,
²⁷ e dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como.

²⁸ Porque a terra por si mesma frutifica; primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga.

²⁹ E, quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa.

A parábola da semente que cresce por si só ativa o frame agrícola como estrutura de conhecimento pré-existente, narrando cenas cotidianas de semeadura, crescimento e colheita. Como é característico das parábolas, o domínio-fonte — a agricultura, uma realidade concreta e familiar — sustenta o processo de construção de sentido do domínio-alvo, que aqui diz respeito ao avanço do Reino de Deus.

O texto desloca o foco da ação humana para a transformação da semente, que se desenvolve sem ser observada ou controlada: o semeador “não sabe como” ela cresce – *ὥς οὐκ οἶδεν αὐτός*, v. 27 (Nestle-Aland, 2012)²⁴. Esse detalhe — que poderia parecer periférico — é o núcleo da parábola. A imagem do homem que dorme e se levanta “de noite ou de dia” destaca a passividade do agricultor diante da atividade interna da semente.

Jesus ressalta ainda o ponto central da parábola quando afirma que “a terra por si mesma frutifica” — *automatē hē gē* – *αὐτομάτη ἡ γῆ*, v. 28 (Nestle-Aland, 2012)²⁵. O advérbio *automatē* (*αὐτομάτη*) é crucial e reforça o sentido de autonomia da semente e de um resultado que não provém do semeador.²⁶ Dentro do frame agrícola antigo, quem produz é a própria terra, não o agricultor. Nessa parábola, observa-se que ao homem cabe apenas lançar a semente (v. 26) e realizar a ceifa quando o fruto já está maduro (v. 29). No mapeamento metafórico, isso equivale a afirmar que o Reino – domínio-alvo – cresce por iniciativa divina, e não humana. Em termos de metáfora conceitual, poderíamos formular as seguintes projeções: **CRESCIMENTO ORGÂNICO É AVANÇO DO REINO** e **POTÊNCIA LATENTE É AÇÃO DIVINA INVISÍVEL**.

Um leitor moderno, sobretudo ocidental, poderia enfatizar o processo, isto é, o desenvolvimento gradual da planta, mas, para compreender o modo de construção de sentido

²⁴ NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum* Graece. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

²⁵ *Ibid.*, Nestle-Aland, 2012.

²⁶ LOPES, H. D. *Marcos: o Evangelho dos milagres*. São Paulo: Hagnos, 2006.

dessa narrativa, é necessário recuperar o frame cultural de seus primeiros ouvintes. O fenômeno da transformação, percebido de um dia para outro, era culturalmente mais relevante do que a descrição do passo-a-passo do desenvolvimento agrícola. Como observa Jeremias (1986), “o homem moderno passa por uma lavoura e entende o crescimento como um processo biológico. Os homens bíblicos por ela passam e veem no mesmo processo uma sequência de milagres de Deus”.²⁷

Nessa perspectiva, a parábola resiste a leituras antropocêntricas, moralizantes ou alegorizantes. Seu propósito não é exortar práticas humanas, mas revelar a natureza do Reino: ele avança dentro do frame da ação divina, e não dentro de expectativas humanas de controle, pressa ou previsibilidade. A narrativa desloca o ouvinte para perceber que o Reino irrompe exatamente como a semente que germina sem que alguém possa explicar o seu modo de operar.

Em consonância com Dodd, a parábola manifesta a lógica do “escatológico realizado”: o Reino já está em operação, silenciosa, mas eficazmente.²⁸ Esse crescimento oculto, mas inevitável, torna-se ainda mais significativo quando situado no contexto histórico da Palestina do século I. Em meio à crise nacional, às tensões políticas e às expectativas messiânicas de libertação imediata,²⁹ Jesus apresenta a imagem de uma semente que cresce fora do campo de visão humano, mas que se desenvolve com poder. Para Israel, que aguardava intervenções visíveis e espetaculares, essa parábola anunciava que o Reino já estava em curso — não de modo ostensivo, mas de forma profunda, irreversível e conduzida inteiramente por Deus.

4.2 Parábola do Grão de Mostarda

A seguir, apresentamos o texto de Marcos 4:30-32 (versão ARC).

³⁰ E dizia: A que assemelharemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos?

³¹ É como um grão de mostarda, que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra;

³² mas, tendo sido semeado, cresce, e faz-se a maior de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se debaixo da sua sombra.

A parábola do grão de mostarda também ativa o frame agrícola, mobilizando conhecimentos culturalmente compartilhados acerca de sementes, hortaliças e crescimento vegetal. Assim como na parábola anterior, há aqui o mapeamento metafórico

²⁷ Jeremias, p. 150.

²⁸ Dodd, 2010.

²⁹ Wright, 1996.

CRESCIMENTO ORGÂNICO É AVANÇO DO REINO, em que o domínio-fonte da agricultura oferece as estruturas cognitivas para interpretar o domínio-alvo, o Reino de Deus. Entretanto, diferentemente da ênfase na transformação invisível da semente que cresce por si só, esta parábola organiza-se em torno de um contraste de escala: de “a menor de todas as sementes” – (ἐλάχιστον πάντων τῶν σπερμάτων, v. 31 – para “a maior de todas as hortalças” – (μεῖζον πάντων τῶν λαχάνων, v. 32 (Nestle-Aland, 2012)³⁰.

A descrição de Marcos condiz com o cenário agrícola palestino: “no lado de Genesaré, [o pé de mostarda] atinge a altura de dois e meio a três metros”, o que reforça a plausibilidade do contraste construído pela narrativa.³¹ Nesse sentido, além da metáfora do crescimento orgânico, a partir da experiência cultural da audiência original, o texto aciona também um segundo mapeamento conceitual: **A GRANDIOSIDADE DO PÉ DE MOSTARDA É A GRANDIOSIDADE DO REINO**. Jesus constrói o contraste de forma progressiva: primeiro estabelece a pequenez extrema da semente (ἐλάχιστον), em seguida descreve seu crescimento (αὐξάνεται) e, por fim, sua condição surpreendente como a “maior” (μεῖζον), com ramos suficientemente amplos para acolher “as aves do céu” (τὰ πετεινὰ τοῦ οὐρανοῦ). Esse movimento retórico é central para a estrutura argumentativa da parábola e evidencia a força do contraste, elemento característico das parábolas, segundo Adolf Jülicher (1888).

A partir da perspectiva de Jülicher, que rejeita a alegorização e defende a leitura de um ponto central (*Einpunktigkeit*), a parábola enfatiza o aspecto surpreendente da magnitude alcançada. Assim, o núcleo interpretativo recai sobre a desproporção entre o início insignificante e o resultado glorioso, e não sobre a tentativa de identificar simbolicamente cada elemento (aves, ramos, solo etc.). Em termos exegeticos, a expressão “cria grandes ramos” – ποιεῖ κλάδους μεγάλους, v. 32 (Nestle-Aland, 2012)³² intensifica a leitura de magnitude: o adjetivo μεγάλους (“grandes”, “imponentes”) funciona como reforço semântico da expansão, enquanto a cena das aves se abrigando sob a sombra remete a imagens de árvores majestosas no Antigo Testamento (por exemplo, Ez 17,22–23; 31,6), sem que o texto de Marcos exija leitura alegórica.

Nessa perspectiva, Jeremias (1986) ressalta que referências intertextuais dessa natureza funcionam como eco cultural, não como código.³³ Diferentemente da alegorização

³⁰ NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum* Graece. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

³¹ Jeremias, 1986, p. 149.

³² NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum* Graece. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

³³ *Ibid.*, 1986.

patrística, o texto não atribui significados autônomos aos ramos ou às aves; eles ilustram o ponto central: a expansão do Reino. Jeremias (1986:149) explica ainda que, no contexto dos ouvintes de Jesus, “a árvore que abriga os pássaros é figura corrente para um reino poderoso que oferece abrigo aos seus súditos”,³⁴ e acrescenta (p. 151) que a imagem da árvore elevada como símbolo de potência mundial era familiar a partir das Escrituras (Ez 31; Dn 4).³⁵

Assim, a parábola projeta sobre o Reino de Deus o frame de um crescimento que começa de modo quase imperceptível, mas alcança proporções inesperadamente amplas. O contraste entre pequenez inicial e amplitude final estrutura cognitivamente o modo como o ouvinte deve compreender o Reino: uma realidade cuja significância supera imensamente seu início aparentemente modesto — exatamente como Jeremias (1986) conclui ao afirmar que da “pequena turma” que seguia Jesus Deus faria “o grande povo de Deus que vai abarcar os povos, o povo universal do tempo da salvação”.³⁶

É necessário considerar ainda uma questão levantada por Jeremias acerca da fórmula introdutória das parábolas do Reino. Segundo o autor (1986), a expressão usualmente traduzida como “*O Reino de Deus é semelhante a...*” não faz justiça ao original. Em vez disso, deveria ser vertida como “*Acontece ao Reino de Deus como a...*”.³⁷ Jeremias argumenta que a tradução tradicional provoca “um desvio formal do ponto de comparação”, deslocando a ênfase do modo de ação do Reino para uma relação estática de semelhança. Assim, afirma (1986): “Não se deve [...] traduzir-se: ‘o reino de Deus é semelhante a um grão de mostarda’, mas [...] ‘ao reino de Deus acontece como ao grão de mostarda’, ou seja, o reino de Deus não é comparado com um grão de mostarda, mas [...] com o caule desenvolvido, à sombra de cujos ramos os pássaros se aninham”.³⁸ Essa mudança tem impacto direto sobre a interpretação: o foco recai não sobre o início diminuto, mas sobre o resultado final surpreendente, tema estrutural da parábola.

Por fim, a parábola do grão de mostarda funciona como ato profético, reinterpretando a história de Israel à luz da chegada do Reino, que já se manifesta, e da glória que ainda está por vir. Para Wright (1996), Jesus emprega narrativas cotidianas para subverter expectativas escatológicas, apresentando o Reino como realidade atuante, ainda que oculta.³⁹ Desse modo,

³⁴ Jeremias, 1986, p. 149.

³⁵ *Ibid.*, 1986, p. 151.

³⁶ *Ibid.*, 1986, p. 150

³⁷ *Ibid.*, 1986, p. 102.

³⁸ *Ibid.*, 1986, p. 103.

³⁹ Wright, 1996.

essa parábola convoca os ouvintes a ressignificar o momento histórico pelo qual Israel passava. A mensagem era animadora: “de inícios míseros, dum nada para olhos humanos, Deus realiza o seu reino poderoso que abarcará os povos do mundo” (Jeremias, 1986).⁴⁰

Assim, lida pela tradição crítica e pela análise cognitivo-metafórica, a parábola expressa que o Reino de Deus, embora apresente inícios modestos — tal como o pequeno grão —, alcança proporções surpreendentes e acolhedoras. O texto bíblico, com seus marcadores de contraste e sua progressão imagética, corrobora esse entendimento: da menor semente procede uma realidade que se torna “a maior de todas as hortaliças” e que oferece sombra e abrigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidencia que, nas parábolas agrícolas, o domínio-fonte da agricultura estrutura o domínio-alvo do Reino de Deus, criando mapeamentos conceituais estáveis que permitem compreender o divino por meio da experiência humana. O estudo reforça que as metáforas não são simplesmente enfeites para o discurso, mas ferramentas cognitivas fundamentais: elas nos ajudam a compreender o abstrato a partir do concreto, o invisível a partir do visível.

Quando Jesus falava do Reino de Deus, uma realidade imensa, abstrata e difícil de definir, não recorria a definições formais, mas fazia exatamente o que a Linguística Cognitiva descreve: usava a experiência humana como via de compreensão. Assim, transformava realidades celestiais em imagens corporificadas e próximas, como a da semente que cresce por si só ou a do grão de mostarda que se torna uma planta enorme. Logo, o sistema conceitual das parábolas evidencia que Jesus conhecia profundamente como os seres humanos pensam, sentem e constroem sentido: Ele fala ao corpo, à memória sensorial e à prática cotidiana, porque é por meio dessas experiências que formamos conceitos.

Nota-se ainda que, ao ativar o mesmo *frame* agrícola, as parábolas das sementes formam um campo cognitivo unificado, cuja interpretação se expande cumulativamente de uma narrativa à outra. Essas parábolas funcionam não apenas de forma isolada, mas como parte de um campo de significação compartilhado. No caso das parábolas agrícolas, há um

⁴⁰ Jeremias, 1986, p. 150.

conjunto de narrativas que constroem sentido de modo cumulativo, reforçando e ampliando significados a partir da agricultura.

Observamos, assim, que essas parábolas formam uma macroimagem cognitiva do Reino, reforçando o cunho escatológico do discurso parabólico — aspecto central, porém muitas vezes deixado de lado. Teologicamente, essas narrativas podem ser lidas como recurso de encorajamento: o Reino já começou, e o seu avanço transcende expectativas humanas.

Por fim, o trabalho evidencia a operacionalidade dos *frames* e da metáfora conceitual na interpretação bíblica. Logo, a Linguística Cognitiva pode oferecer subsídios para enfrentarmos o problema da interpretação das parábolas, e essa chave pode ser empregada em pesquisas futuras sobre outras narrativas de Jesus.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de E. de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990.

CARSON, D. A. **The Parables of Jesus**. Grand Rapids: Baker Academic, 1995.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DODD, C. H. **As parábolas do Reino**. Tradução de Dorival Alves de Oliveira. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (Org.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111–137.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

JÜLICHER, A. **Die Gleichnisreden Jesu**. Freiburg: Mohr, 1888.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LOPES, H. D. **Marcos: o Evangelho dos milagres**. São Paulo: Hagnos, 2006.

MCNEILE, A. H. **The Gospel According to St. Matthew**. London: Macmillan, 1915.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

WRIGHT, N. T. **Jesus and the Victory of God**. Minneapolis: Fortress Press, 1996.